

O SÉCULO XII E A UNIVERSIDADE DE PARIS

THE 12th CENTURY AND THE UNIVERSITY OF PARIS

LUCSON FIBO CHÉRY*

*Graduado em Filosofia-bacharelado pela UCPel, Formado em Teologia pelo CIFOR (Centre Inter-Intituts de Formation Religieuse). E-mail: lucsonfibo16@yahoo.com

Resumo: Este presente trabalho tem o objetivo de apresentar o contexto histórico-filosófico do surgimento da Universidade de Paris no século XII. Durante o século XII Abelardo assumiu a Escola da Catedral de Notre Dame. Esta escola é a fonte originária do nascimento da Universidade de Paris. A Universidade Medieval surgiu como uma associação corporativa caracterizada pela disputatio, onde os professores debatem entre si ou com os alunos. Com o surgimento desta instituição e suas características, foi possível verificar a atuação a partir das artes liberais que estão no segundo nível dos estudos da escola palatina organizada por Alcuíno de York. A relevância da dialética como ciência autônoma mostra que a Universidade de Paris é lugar de produção e conservação do saber no período medieval.

Palavras-chave: Universidade. Pedro Abelardo. Artes liberais. Dialética.

Abstract: This paper aims to present the historical-philosophical context of the emergence of the University of Paris in the 12th century. During this period, Abelard took over the School of the Cathedral of Notre Dame. Which served as the original source for the birth of the University of Paris. The medieval university emerged as a corporate association characterized by the disputatio, where professors debated among themselves or with students. With the establishment of this institution and its characteristics, it became possible to observe its activity based on the liberal arts, which were part of the second level of studies in the Palatine School organized by Alcuin of York. The relevance of dialectics as an autonomous science demonstrates that the University of Paris was a place for the production and preservation of knowledge in the medieval period.

Keywords: University. Peter Abelard. Liberal arts. Dialectic.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No contexto de predominância do cristianismo durante o século XII, é importante destacar os principais debates que ocorriam naquele período para poder compreender com clareza o nascimento da Universidade de Paris.

A trajetória da filosofia medieval é marcada metodicamente pelas questões de fé e razão, e outros assuntos dogmáticos que têm relação com a tradição Cristã e com a tradição filosófica grega. A história da Universidade parisiense no período medieval tem valor fundamental, porque é um dos fatores que pode nos ajudar a entender melhor a formação da classe de intelectuais. Sociologicamente, o surgimento da Universidade também colaborara muito na superação das distinções de classe¹ social que são: clero, guerreiros e camponeses. A elaboração do pensamento filosófico sobre a razão e a fé na Universidade ou nas escolas tem o nome de escolástica². O grande instrumento racional para a defesa da fé naquele período é a filosofia, que foi usada também na interpretação da Sagrada Escritura. Tudo isso era para consolidar a doutrina da fé cristã de forma racional.

O valor atribuído ao conhecimento naquela época, desde os gregos, fez com que surgisse espaço de formação de intelectuais para a construção do saber. No século XII, o florescimento da Universidade abriu caminho para o estudo de algumas ciências e disciplinas específicas no ensino. Havia pensadores que se empenharam para o crescimento do pensamento filosófico cristão através dos seus escritos, mas eles não escreveram de qualquer maneira, empregaram um método para que houvesse maior clareza.

No surgimento da Universidade de Paris, havia escolas que tinham uma formalidade típica da época, depois começou a assumir o caráter eclesial; além de algumas características desta instituição, tinha a dialética que teve um destaque importantíssimo por ser usada formalmente por alguns autores da época mais precisamente pelo Pedro Abelardo.

Ao longo deste trabalho, veremos que, de fato, a Universidade é considerada como um lugar de produção do saber. Também levaremos em consideração alguns debates do período medieval como pistas de preparações para os períodos posteriores.

2 SURGIMENTO DA UNIVERSIDADE DE PARIS

Quando se discute a respeito da Universidade, normalmente vem à memória a figura do professor, alguém que trabalha no ensino de uma disciplina onde há alunos que estão em busca do conhecimento para a execução de alguma profissão, ou também para satisfazer sua curiosidade. Durante todo período do surgimento da Universidade, não havia ainda uma estrutura pronta, mas paulatinamente estava em formação. Podemos reconhecer que foi devido a um grande renascimento cultural que ocasionou o nascimento das Universidades.

Um grande renascimento cultural deu ocasião para o surgimento das universidades, mas não se trata daquele renascimento dos séculos XIV e XV com

1 Em sentido sociológico, corresponde ao que os antigos chamavam de “parte da cidade” e designa um grupo de cidadãos definido pela natureza da função que exercem na vida social e pela parcela de vantagens que extraem de tal função [...]. Embora o conceito de Classe já estivesse presente no pensamento lógico medieval, esse termo só começou a ser usado no século XIX, sobretudo por obra dos lógicos ingleses, como Hamilton, Jevons, Venn [...]. ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia, p. 144- 5.

2 Do grego: “Scholé”, que significa ócio.

relação ao qual o termo é habitualmente empregado, e sim de um renascimento anterior, não tão conhecido, embora, a seu modo, nem um pouco menos importante, e que os historiadores de hoje chamam de renascimento do século XII. Enquanto o conhecimento estivesse limitado às sete artes liberais da alta Idade Média, não poderia haver nenhuma universidade, pois não havia nada que ensinar além de simples elementos de gramática, retórica e lógica, e das noções ainda mais básicas de matemática, astronomia, geometria e música, que faziam às vezes de um currículo acadêmico (HASKINS, 2015, p. 20).

Haskins deixou claro o contexto do termo renascimento atribuído ao século XII nesta citação, porque a tendência é de referirmo-nos ao renascimento do século XIV e XV, contudo, esse renascimento cultural é anterior e tem importância na origem das Universidades no século XII. Na citação acima, é mencionada a questão da alta Idade Média. Basicamente, podemos entender que a Idade média é a transição da cultura clássica para a cultura moderna. Então, para Haskins, Alta Idade Média “refere-se à primeira parte da Idade Média, que se inicia com a queda do Império Romano e situa-se grosso modo entre os anos 500 e 1100” (2015, p. 20).

Na fundação da Universidade parisiense, havia três modelos de escolas: monacais, episcopais e palatinas. As escolas monacais geralmente eram administradas por uma abadia, as episcopais por uma catedral e as palatinas dirigidas por eclesiásticos e funcionaram nas cortes. Então

reconhecemos a grande contribuição dos mosteiros na educação e também na preservação da educação clássica com suas bibliotecas.

Lembramo-nos de Carlos Magno³, reconhecido como grande guerreiro, que teve missão de fazer expandir o cristianismo. Dedicou-se muito à formação da escola palatina; o seu objetivo era o de fazer surgir na terra dos francos uma nova Atenas. Assim, foi confiada a escola palatina a Alcuíno de York (730-804) e ele organizou os graus da instrução.

A escola palatina tinha um programa de estudos bem organizado. Essa instrução era formada em três níveis: o primeiro é simplesmente uma instrução elementar; o segundo é focado no estudo das sete artes liberais que são divididas em dois grupos, o trivium (gramática, retórica e dialética), o quadrivium (aritmética, geometria, astronomia e música); e, por fim, o estudo aprofundado da Sagrada Escritura.

A educação na alta Idade Média era baseada nas chamadas sete artes liberais, três das quais, a gramática, a retórica e a lógica, eram agrupadas no trivium, enquanto que as outras quatro, a aritmética, a geometria, a astronomia e a música, formavam o quadrivium. O primeiro grupo era o mais elementar; o segundo era elementar o bastante. Durante a decadência do ensino antigo, o número de disciplinas foi estabelecido e o seu conteúdo foi padronizado, uma concepção que chegou integralmente à Idade Média principalmente por meio do livro de um certo Marciano Capela, escrito no início do século V (HASKINS, 2015, p. 45-46).

3 (742- 814), um dos maiores títulos de Carlos Magno ao reconhecimento da posterioridade é o impulso por ele dado ao estudo das letras e ao cultivo das artes. Depois da sua viagem à Itália, onde floresciam as boas letras, compreendeu o grande imperador a necessidade de avivar entre os seus belicosos francos o gosto da literatura e da ciência, e, pelas célebres capitulares de 787, recomendou a fundação de escolas por todo império. A Irlanda, que, preservada, desde a sua conversão ao cristianismo, das invasões bárbaras, tinha mantido as antigas tradições científicas, subministrou à Europa continental os primeiros mestres (FRANCA, 1969, p.88).

Nesses três níveis de instrução, o segundo foi mais explorado no desenvolvimento do pensamento medieval. Como estamos tratando a questão da Universidade de Paris, vale lembrar que Pedro Abelardo, professor famoso em Paris, fez uso da dialética e da retórica. O cultivo dessas artes é típico do trivium. Indubitavelmente, ele também fazia uso da gramática nos seus escritos.

3 CARACTERÍSTICAS DA UNIVERSIDADE DE PARIS

No período medieval, as Universidades surgiram: além de Paris, também em Bolonha e depois nos demais reinos. Essa instituição não funcionava conforme um modelo pronto. As escolas tinham um modelo como as escolas de Atenas na Grécia antiga, talvez para dar continuidade àquela maneira.

Antes de expor os detalhes, podemos fazer uma análise contextual do que se entende por Universidade no século XII. Conforme Giovanni Reale: “o termo Universidade, originalmente, não indicava um centro de estudos, e sim muito mais uma associação corporativa ou, como diríamos hoje, um sindicato, que tutelava os interesses de uma categoria de pessoas” (2015, p. 123). Isso apresenta o clima de funcionamento da Universidade medieval em forma de debate, onde os mestres e estudantes dialogavam, faziam discussões entre si.

A Universidade de Paris atraiu estudantes de toda Europa, particularmente a escola da Catedral de Notre Dame devido à sua atuação significativa. Nessa escola, em 1114, Pedro Abelardo dava aulas de teologia e dialética⁴. De fato, era um dos mestres mais conhecidos dessa época.

A Universidade ganhou caráter clerical por ser fortalecida pela Cúria Romana no seu progresso. Assim, nesse âmbito, a leitura de alguns textos era proibida na intenção de evitar qualquer contradição a suas doutrinas, por exemplo: questão da criação.

O caráter “clerical” da universidade nos permite compreender porque as autoridades eclesiásticas – primeiramente os representantes diretos do papa – redigiam os estatutos, proibiam a leitura de certos textos e intervinham para compor dissídios e controvérsias (REALE; ANTISERI, 2015, p. 124).

Com base nesta citação, entende-se que algumas obras, como por exemplo as de Aristóteles, foram proibidas. O aristotelismo não podia ser ensinado na Universidade clerical, mas foi cada vez mais assumido por alguns mestres, apesar dos impedimentos. Essa postura de rejeição pode dar impressão que foi devido à grande diferença do motor imóvel de Aristóteles com o Deus cristão, questão da eternidade do mundo, intelecto único pelos árabes. Provavelmente foi colocado à margem da Universidade por essa distinção. Afirmamos isso porque o motor imóvel de Aristóteles não cria coisa alguma, não ama, mas é amado, tudo gira em torno dele e é atraído por ele. Em contrapartida, o Deus cristão é o criador do universo e Ele ama. Para deixar mais claro esse assunto, a questão do motor imóvel é discutida no livro XII da metafísica de Aristóteles. Contudo, durante um longo período, o platônico-agostiniano foi mais aceito do que o aristotelismo.

Recordamo-nos de Tomás de Aquino que associa a fé cristã com o aristotelismo. Embora haja uma tendência de pensar que Tomás de Aquino aristoteliza o cristianismo, porém é o contrário.

4 Na Idade Média, a dialética foi uma disciplina do trivium que obteve grande sucesso, pois ajuda a dividir em partes todas as coisas, a distinguir, explicar, explanar e concluir. Serve como instrumento na produção do saber e na elaboração do discurso (ZILLES, 1993, p. 56).

Mas nesse plano ele aplica um extraordinário bom senso e (mestre em sutilezas teológicas) uma grande aderência à realidade natural e ao equilíbrio terreno. Fique claro que Tomás não aristoteliza o cristianismo, mas cristianiza Aristóteles. Fique claro que nunca pensou que com a razão se pudesse entender tudo, mas que tudo se compreende pela fé: só quis dizer que a fé não estava em desacordo com a razão, e que, portanto, era até possível dar-se ao luxo de raciocinar, saindo do universo da alucinação. (ECO, 1984, p. 339).

Tomás de Aquino se esforçou muito na tentativa de promover a ciência teológica de Aristóteles e ao mesmo tempo separá-lo do uso que dele faziam os averroístas⁵. Esses eram considerados hereges. A doutrina deles tem como base a questão da teoria do intelecto, de que a alma de cada ser humano é uma substância individual e mortal, porém coletivamente se forma uma inteligência universal no ato de entendimento e imortal.

Não se deve pensar que, nos séculos XIII e XIV, a Escolástica se tenha identificado simplesmente com o aristotelismo. O Organon influenciara decisivamente na formação do método das disputationes e na maneira de exposição. A redescoberta da Metafísica, da Ética e das demais obras do Estagirita abriram novas perspectivas através da teoria do ser, potência e ato, substância e acidente, a doutrina das causas do movimento, do tempo e do espaço, da matéria e da forma, etc. a doutrina do primeiro motor imóvel serviu de ponto comum entre filosofia e teologia. As obras metafísicas e de filosofia

natural de Aristóteles foram proibidas em 1215. Só, em 1225, a Faculdade de Paris planejou oficialmente um curso sobre toda a obra aristotélica então reconhecida. Em 1263, o papa Urbano IV renovou a proibição referindo-se ao averroísmo latino. Só, em 1366, os legados de Urbano V estabelecem como condição para obter licença em artes o estudo de toda a obra de Aristóteles. Mas a escolástica nunca assumiu cegamente o aristotelismo, mantendo sempre elementos platônicos (ZILLES, 1993, p. 63-64).

Percebe-se que eram especificamente as obras metafísicas e de filosofia natural do Estagirita que foram proibidas de serem ensinadas na Universidade. Porém, com o desempenho de Tomás de Aquino na cristianização do pensamento aristotélico, foi liberada toda a obra do Estagirita para ser estudada.

Tomás simplesmente fornece à Igreja um sistema doutrinário que a concilia com o mundo natural. E vence em etapas rapidíssimas. As datas são explícitas. Antes dele se afirmava que 'o espírito de Cristo não reina onde vive o espírito de Aristóteles', em 1210 estão ainda proibidos os livros de filosofia natural do filósofo grego, e as proibições continuam nas décadas seguintes enquanto Tomás manda traduzir esses textos por seus colaboradores e os comenta, mas em 1255 toda a obra de Aristóteles está liberada (ECO, 1984, p. 340).

Mesmo que apareçam algumas características da Escolástica no século XIII e XIV nas citações que acabamos de fazer, não te-

5 Professores da faculdade de artes, entusiastas de Aristóteles. São aristotélicos radicais que interpretam o aristotelismo.

mos a intenção de analisar esses aspectos; buscamos apenas mostrar um dos elementos importantes que marcaram a questão do ensino na época. A principal preocupação nossa é de fazer uma investigação sobre a Universidade de Paris no século XII. Este é um período universitário onde os professores e estudantes manifestavam grande entusiasmo pelo estudo e cultivaram o amor à sabedoria.

A organização da Universidade de Paris começou verdadeiramente a partir do século XIII, mas o percurso do movimento escolar contribuiu grandiosamente no preparo de sua organização. Há muitos fatores que deram origem ao aparecimento da Universidade parisiense, especificamente as situações políticas, econômicas e religiosas. Segundo alguns historiadores que se especializam no estudo da Idade Média, a Universidade de Paris não surgiu a partir de um planejamento pontifício ou de uma decisão monárquica. Contudo, teve todo percurso que permitiu esse aparecimento e também perceberam que a Universidade no período medieval do ocidente tem um aspecto próprio pela sua formação espontânea no século XII.

Conforme Ruy Afonso Da Costa Nunes, Stephen d'Irsay⁶ usa da linguagem aristotélica, tão cara à Idade Média, para encontrar uma fórmula que permita compreender a formação das universidades. Estas teriam sido determinadas por quatro causas, a saber: a material, a formal, a eficiente e a final. A causa material foi o magnífico crescimento do saber humano durante o século XII; a causa formal, o desenvolvimento das corporações; a causa eficiente, um acontecimento fortuito, como a iniciativa de um papa, de um rei, de um príncipe; a causa final, a atração das grandes carreiras indispensáveis à sociedade, ao serviço de Deus e da Igreja⁷.

Essa análise é uma forma de compreender a formação da Universidade no século XII. O aspecto das corporações⁸ entre professores e estudantes entra na explicação do termo Universidade desse período. Portanto, esse termo designava também na Idade Média o conjunto de pessoas ou corporação de comerciantes. Este mesmo termo serve para identificar as corporações dos mestres e alunos na Universidade de Paris no campo da intelectualidade.

A formalidade do funcionamento da Universidade parisiense assumiu uma tarefa social. Sua criação permitiu a superação das diferenças das camadas sociais, porque era uma oportunidade para poder estudar. Segundo alguns relatos históricos (História da educação na Idade Média de Ruy Afonso Costa Nunes e; Os intelectuais na Idade Média de Jacques Le Goff) os mestres e os alunos vinham de qualquer categoria social. A expectativa desta instituição no âmbito da educação é ocasional para a ampliação do pensamento medieval e o crescimento do conhecimento. Também podemos analisar os efeitos do aparecimento da Universidade parisiense num parâmetro religioso porque a Igreja delegou a tarefa do ensino aos mestres, sacerdotes e leigos.

4 ATUAÇÕES DAS ARTES LIBERAIS NO SÉCULO XII

O fato de procurarmos dar atenção para as atuações das Artes Liberais, precisamente no século XII, tem como objetivo entender melhor os modos de uso dessas artes e quais são seus campos de atuações. Já tínhamos apontado de maneira introdutória essas artes, mas não há empecilho para mencioná-las novamente: tri-

7 NUNES, Ruy Afonso da Costa. Origem da Universidade de Paris. São Paulo 1967, p. 70.

8 As Corporações de ofício eram associações, existentes no final da Idade Média que reuniam trabalhadores (artesãos) de uma mesma profissão. Existiram corporações de ofícios de diversos tipos como, por exemplo, carpinteiros, ferreiros, alfaiates, sapateiros, padeiros, entre outros.

vium (gramática, retórica e dialética) e quadrivium (aritmética, geometria, astronomia e música). Realmente, essas disciplinas ensinadas na Idade Média não são novidades, pois na Grécia antiga, as escolas já faziam uso delas, sem esquecer também na Índia e Egito, porém, no século XII elas ganham um destaque maior, principalmente as do trivium na hermenêutica da Sagrada Escritura. Tudo isso mostra que essas artes liberais têm tradição muito antiga e, de fato, são importantes, porque não são originais ao período medieval, por isso, é preciso fazer memória de suas origens para que tenhamos a noção de onde elas começaram.

Lembramo-nos que Marco Terêncio Varrão (116 a.C-27 a.C), filósofo e estudioso romano de expressão latina, dedicou-se na classificação definitiva das Artes em seus *Disciplinarum Libri IX*⁹. Também é reconhecida a transmissão do saber antigo à Idade Média graças à contribuição de Boécio¹⁰, Marciano Capella¹¹ e Cassiodoro¹².

A pergunta preliminar que podemos formular a respeito das Artes Liberais é a seguinte: por que essas artes são chamadas de Liberais? Embasando-nos no relato de Ruy Afonso da Costa Nunes,

As disciplinas liberais (*liberales litterae*) são apresentadas na ordem formulada por Varrão. O curioso neste resumo de Cassiodoro é que para os antigos o termo liberal derivava de *liber* (livre), donde as artes liberais serem estudo reservado aos homens livres,

enquanto para ele liberal, livre, deriva de livro (*liber autem dictus est a libro*), isto é, da casca da árvore, cortada e liberada e na qual os antigos redigiam seus poemas. Santo Isidoro de Sevilha, baseando-se apenas nos autores latinos, consagra os três primeiros livros de suas etimologias às artes liberais: os dois primeiros às três primeiras artes e o terceiro às artes matemáticas. São Beda e Alcuíno consagraram monografias a quase todas as artes liberais. Estas dividiam-se em dois grupos desde Boécio, mas foi Alcuíno quem apresentou um programa de ensino, no século IX, constando do Trivium e do Quadrivium (NUNES, 1967, p. 73).

A partir desse relato, podemos ter uma visão panorâmica sobre o significado e a origem do termo Liberal. Também se percebe certa criatividade na formulação deste. A questão do estudo das artes liberais, na concepção dos antigos, elas são reservadas aos homens livres, isto é um dos elementos que explica a formação intelectual da sociedade antiga; entretanto, é fornecida outra explicação divergente de que liberal é livre, deriva de "livro", no uso de um elemento da natureza para execução de uma atividade intelectual. Essas duas visões se refletem na historicidade do aparecimento da Universidade parisiense, porque ela colaborou na superação das distinções de classe social e no estímulo da produção do saber.

9 Reconhecida como primeira enciclopédia da cultura ocidental.

10 477 d.C- 525 d.C., foi um filósofo, poeta, estadista e teólogo romano, cujas obras tiveram uma profunda influência na filosofia cristã do Medievo.

11 360 d.C- 428 d.C., um dos primeiros a desenvolver o sistema das sete artes liberais que constituíram a base do conhecimento e ensino no início da época medieval.

12 Contemporâneo de Boécio. Flávio Magno Aurélio Cassiodoro Senador (em latim: Flavius Magnus Aurelius Cassiodorus Senator; Squillace, 490-581), mais conhecido apenas por Cassiodoro, foi um escritor e estadista romano, conselheiro do rei ostrogodo Teodorico, o Grande, que se destacou pelos seus dotes jurídicos e literários e ocupou importantes cargos na administração pública ostrogoda da Itália. O apelido Senador (Senator) no seu nome é antroponímico, não significando que fosse senador.

5 RELEVÂNCIA DA DIALÉTICA COMO CIÊNCIA LIVRE

Sabemos que a dialética é uma das disciplinas do *trivium*. Quando se analisa o uso da dialética no período medieval, mais precisamente no século XII, vem à memória o grande professor de Paris que é Pedro Abelardo, um dialético vigoroso, um espírito batalhador que chegou a reunir mais de 5 000 ouvintes em torno de sua cátedra¹³. A partir do século IX, desde Escoto Erígena até Abelardo, em meio de conflitos teológicos, a dialética estava a caminho para tornar-se ciência. Nos textos de Santo Agostinho até Pedro Abelardo, a dialética foi usada apenas para a defesa das verdades religiosas.

Quando se leem os textos de dialética, desde Santo Agostinho até Abelardo, nota-se que os autores sempre lhe apontam o objetivo único de servir à defesa das verdades religiosas. Essa autonomia da Dialética vem a ser fomentada através da introdução progressiva do *Organon*, desde o século IX, no ensino escolar e nas obras teológicas. Durante o século XII, o estudo da dialética recebe impulso decisivo com a introdução da Lógica Nova, isto é, os restantes tratados lógicos de Aristóteles até então desconhecidos. O estudo da dialética equivale ao estudo da filosofia propriamente dita que, no século XII, começa a fazer estalarem os quadros tradicionais das sete artes liberais num processo que irá culminar com as transformações da Faculdade de Artes em Faculdade de Filosofia no século XIII, após a introdução maciça das obras de Aristóteles no ensino universitário (NUNES, 1967, p. 74- 5).

Nesta citação, pode-se tomar consciência que foi graças à introdução da Lógica Nova de Aristóteles que a dialética ganhou seu auge no seio da filosofia durante o século XII. Neste caso, o Estagirita é digno de reconhecimento por dar ênfase a esta ciência através do *Organon*¹⁴. De fato, gradativamente a dialética assumiu caráter científico como disciplina integrante na Filosofia.

É lembrada também a história de que a dialética entrou no estudo da dogmática cristã no ocidente ao longo de muitos anos antes de Santo Anselmo e de Pedro Abelardo. Isto quer dizer que desde no tempo de Agostinho a dialética foi aplicada filosoficamente na dogmática cristã. Também Não podemos negar que o século XI é o século da dialética.

A dialética começa a funcionar no terreno teológico. Foi graças a Abelardo que o termo teologia, anteriormente sinônimo de Sacra Página, Divina Página, Sagrada Escritura, *Divinitas* e o que se lhe refere, passou a designar uma ciência ensinada nas escolas, distinta da exegese¹⁵. Foi Abelardo que inaugurou o uso do termo teologia em seu sentido moderno. Sua primeira grande obra intitulou-se: "Teologia Cristã" e mais tarde ele compôs uma "Introdução à Teologia" (NUNES, 1967, p. 87).

Com efeito, Abelardo influenciou o século XII por contribuir com a dialética e dar um destaque atual no uso de alguns termos ligados ao termo teologia. Colaborou através do ensino e dos seus escritos na perspectiva de crescimento do pensamento medieval. Com tudo isso, o Palatino é lembrado sempre como dialético famoso da época e também por usar essa ciência na sua maneira de expor suas ideias.

13 FRANCA S.J, Pe. Leonel. Noções de História da Filosofia. 20ª edição RJ, 1969, p. 92.

14 Conjunto dos escritos filosóficos de Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) que abordam o tema da lógica.

6 A PRESERVAÇÃO DO SABER

De acordo com Ruy Afonso da Costa Nunes, podemos afirmar que “as bibliotecas de grandes instituições como os mosteiros de Toul, Cluny, Corbie, é que reuniam centenas de volumes de obras profanas e religiosas”¹⁵, por meio da conservação do saber pelos mosteiros, a Universidade foi e é o lugar de preservação do saber, graças aos monges, através das suas bibliotecas. A partir da ascensão da Universidade no século XII, a escola Catedral de Notre Dame dirigida durante alguns anos pelo Pedro Abelardo é vista como acervo memorial da origem das Universidades. Sustenta-se que o surgimento da Universidade é oriunda da escola Catedral de Notre Dame de Paris.

Conforme Charles Homer Haskins:

Algumas das vantagens de Paris eram geográficas, outras eram políticas, já que ela era a capital da nova monarquia francesa, mas algo também deve ser atribuído à influência de um grande professor como Abelardo. Este radical, jovem e brilhante, com os seus constantes questionamentos e o escasso respeito que tinha por autoridades com título de nobreza, atraía um grande número de estudantes onde quer que ensinasse, fosse em Paris ou num lugar deserto. Em Paris, ele esteve ligado por mais tempo à Igreja do monte Sainte-Geneviève do que à escola catedral, porém, Paris se tornou muito frequentada no seu tempo, e desta forma ele teve uma influência significativa sobre a ascensão da universidade. No sentido institucional, a universidade foi um produto direto da escola de Notre Dame, cujo reitor era o único que podia autorizar o ensino na diocese e assim controlava

a outorga de graus universitários, os quais, tanto aqui como em Bolonha eram originalmente certificados de professores (HASKINS, 2015, p. 31).

Essas colocações oferecem uma visão de origem do aparecimento da Universidade oriunda da escola Catedral de Notre Dame. A Universidade como espaço novo de construção e preservação do saber é uma grande oportunidade para o crescimento dos saberes dos períodos posteriores, no sentido de que houve uma preparação do terreno desse período para que os futuros pensadores pudessem atuar nesse campo. Apesar das duras críticas feitas a respeito do período medieval, podemos considerar essa preparação tão significativa. No âmbito do conhecimento, a Universidade medieval foi muito essencial na construção das nações modernas.

Até há pouco tempo, era comum encontrarmos análises que consideravam os teóricos medievais como meros representantes da Igreja e do papado. Equivocadamente, atribuíram o nascimento das ciências modernas e do empirismo a Bacon e Descartes. Esses autores expressaram, indubitavelmente, mudanças profundas nas ciências, mas também é inegável que não podemos considerá-los como pioneiros do empirismo, a não ser ignorando pensadores como Roger Bacon (1215- 1294), Guilherme de Ockham (1285/90-1349), Jean de Salisbury (1120-1180), Tomás de Aquino (1225-1274), Alberto Magno (1193-1280). Estes autores se dedicaram à investigação da natureza, da natureza das coisas, valorizaram a importância das investigações empíricas e compreenderam que, para tratar das ciências

15 Conceito utilizado na linguagem teológica que significa interpretação. Na filosofia se fala mais da hermenêutica.

16 NUNES, Ruy Afonso da Costa. Origem da Universidade de Paris. São Paulo 1967, p. 24.

naturais, era preciso a experiência e o conhecimento de outras autoridades além das sagradas, como Aristóteles (OLIVEIRA, 2007, p. 115-116).

Esses mestres medievais fizeram uma preparação fantástica através das suas abordagens acerca do conhecimento empírico, por isso que eles devem ser reconhecidos como pioneiros que deram destaque à ciência da natureza, isto é, voltar-se para uma filosofia da natureza e experimentalista. Essas pesquisas forneceram pistas preparativas para as reflexões modernas. Prepararam os caminhos para que os modernos pudessem chegar, apesar de que não houvesse certa previsibilidade de um período ulterior que trataria essas discussões. Fizeram simplesmente uma elaboração para contribuir no crescimento do saber medieval no século XII e XIII.

Fazemos essas reflexões na intenção de mostrar que Pedro Abelardo influenciou o século XII, período da ascensão das Universidades. Também para fazer memória de alguns pensadores medievais por serem considerados como pioneiros no debate sobre o conhecimento empírico. Também lembrar o papel da Universidade de Paris na preservação do saber e refletir sobre a influência das artes liberais no ensino. É sempre bom voltar nas fontes para poder entender melhor algumas discussões, porque isso ajuda a contextualizar cada período e cada debate.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se a exposição feita acima na linha do pensamento ético abelardiano, se reconhece a importância da Universidade de Paris no século XII, uma corporação de mestres e estudantes que aparecem devido a um renascimento cultural. Aqui surge Pedro Abelardo, mestre da dialética que coloca em vigor essa ciência livre no âmbito filosófico e teológico. O aparecimento da Universidade naquele século é crucial na construção e na preservação do saber e também

pela grande colaboração na superação das diferenças de classe social da época, isto é, oportunidade para estudar e sem esquecer a figura do professor que vinha de qualquer categoria social. Este aspecto suscita a valorização da Universidade como instituição social e que tem como objetivo de formar intelectualmente os integrantes.

O caráter clerical assumido pela Universidade de Paris no século XII por ser apoiada pela Cúria Romana mostra a expectativa da Igreja no campo da educação e sua atuação na vida social, além da preocupação estritamente religiosa. No surgimento da Universidade de Paris, não havia ainda uma estrutura pronta para funcionar organizadamente na maneira que nós entendemos hoje. As escolas monacais, palatinas e episcopais têm destaque importante porque todas colaboraram na educação. A escola palatina foi apoiada muito por Carlos Magno e essa escola foi dirigida por Alcuíno de York. O estudo elementar ou propedêutico; das artes liberais e o aprofundamento na Sagrada Escritura, são níveis de estudos típicos da escola palatina. As artes liberais, em suma, significam "livres" que contém o **trivium** (gramática, retórica e dialética) e o **quadrivium** (aritmética, geometria, astronomia e música).

Esses detalhes são elementos que se faziam presentes durante o aparecimento da Universidade de Paris no século XII. Quando se faz qualquer abordagem a respeito de Pedro Abelardo seria sempre significativo lembrar-se da Universidade de Paris, porque este filósofo foi um grande professor da Catedral de Notre Dame de Paris na época, que é fonte originária do surgimento da Universidade no período medieval precisamente do século XII.

A Universidade em si é um espaço de debate para crescer intelectualmente na construção do saber. A pergunta que poderia ser feita é: por que a nossa sociedade deveria valorizar tanto esta instituição? De fato, o ser humano é um ser criativo por natureza, busca alternativas para desenvolver suas potencialidades que respondem às suas necessidades. Por isso, podemos dizer que teria provavelmente outro tipo de associação

que envolve a questão da construção do saber. O surgimento da Universidade perdurou até então e continua sendo aberta para todos, porque todo mundo tem direito de estudar, porém, nem todos têm essa oportunidade devido ao problema econômico ou por outros motivos.

Podemos perceber que a figura do professor tinha muito valor também no século XII e era procurado pelos alunos para discutir. Falava-se muito de discípulo e aluno, esses seguem a linha do mestre e busca ir para além, portanto pode concordar e discordar. Isto é, ter liberdade e opinião própria. O contato com a Universidade oferece possibilidade de desenvolver o senso crítico através do ensino que tem por seu aspecto fundamental a discussão. Aqui se inclui Pedro Abelardo, com sua capacidade, tendo em conta a dialética na produção de seus manuscritos. Este Palatino pode ser visto como exemplo de um professor autêntico que incluiu a ciência que ele ensinava nas suas atividades intelectuais, isso é uma fruição fantástica que revela certa coerência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade quotidiana**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FRANCA, Leonel. **Noções de História da Filosofia**. Rio de Janeiro, Calvariae Editorial, 1969.

HASKINS, Charles Homer. **A ascensão das universidades**. Tradução: Nilton Ribeiro. Balneário Camboriú: Editora Santa Catarina, 2015.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. Origem da Universidade de Paris. **Revista de História, São Paulo**, v. 34, n. 69, p. 55-89. São Paulo, 1967.

OLIVEIRA, Terezinha. **Origem e memória das universidades medievais** (a preservação de uma instituição educacional). *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 23, n. 37: p. 113-129, Jan/Jun 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/cXPxM5pdFbzfV6h987cLzMm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2020.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia (Patrística e Escolástica)**. Vol. 2, São Paulo: Paulus, 2015.

ZILLES, Urbano. **Fé e Razão no pensamento Medieval**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.